

RELATOS AUTOBIOGRÁFICOS ATUAIS: EXPRESSÕES DO EU NAS REDES SOCIAIS

Dayane Graciele de Jesus Miranda Contarato (UENF)
daygmiranda@gmail.com

Odacyr Roberth Moura da Silva (UENF)
odacyrroberth@gmail.com

RESUMO

Este ensaio objetiva discutir como a sociedade informatizada influencia o surgimento de formas diferenciadas de narrar a si, tomando como ênfase as narrativas ou relatos autobiográficos publicados pelas redes sociais digitais. A problemática se atém ao questionamento de como o “eu” se narra nesta era contemporânea digital. Traça-se uma relação entre as narrativas tradicionais e a maneira como se apresentam nos dias atuais no meio digital, ressaltando como estão entrelaçadas às questões da intimidade revelada e à transformação da vida privada em conhecimento público. Tenta-se demonstrar essas questões a partir da análise de um perfil público da rede social *Instagram*. Apesar de buscarmos tecer algumas possibilidades de análise inspirando-se principalmente na teoria da história de Walter Benjamin (1994), empenha-se, com mais ênfase, em suscitar questionamentos sobre as adaptações de expressão “eu” atual na era digital.

Palavras-chave:

Instagram. Narrativas. Redes sociais.

ABSTRACT

This essay aims to discuss how computerized society influences the emergence of differentiated ways of narrating oneself, emphasizing the narratives or autobiographical reports published in digital social networks. The problem is to even the questioning of how the "self" is narrated in this contemporary digital age. We traced a relationship between traditional narratives and the way they present themselves today in the digital environment, emphasizing how intertwined they are with issues of revealed intimacy and the transformation of private life in public knowledge. We try to demonstrate these issues with the analysis of a public profile on the social network *Instagram*. Although we seek to weave some possibilities of analysis inspired mainly by the theory of Walter Benjamin (1994), we strive, with more emphasis, to raise questions about the adaptations of the expression of the “self” present in the digital age.

Keywords:

Instagram. Narratives. Social networks.

1. Introdução

Este ensaio se propõe a discutir e a problematizar o surgimento de novas formas de se autonarrar que ocorrem por influência das novas

Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), em especial os relatos ou narrativas autobiográficas, que se tornam públicos por meio de sua divulgação nas redes sociais. Parte-se do pressuposto de que o contexto sócio-histórico influencia e, por isso, caracteriza formas específicas de autonarração, o que se torna uma condição para que as narrativas da atualidade operem de modo diferenciado ao que ocorria outrora.

São perceptíveis as mudanças ocorridas tanto nas formas como o “eu” é constituído quanto nos modos como a intimidade é apresentada. Se houve um tempo onde o cotidiano das pessoas era registrado em diários intimistas e secretos, atualmente impera a máxima da exposição da privacidade. Essa máxima pôde ser observada, por exemplo, nos recentes questionamentos levantados nas redes sociais em relação à vacina da Covid-19, como “se não postar, não faz efeito?”. Assim, o “eu” da contemporaneidade é uma construção social desta sociedade da informação, e as formas que os sujeitos encontram para expressá-lo são um reflexo do momento histórico tecnológico em que se encontram.

Vivemos, neste século XXI, na sociedade do conhecimento, imersa no ciberespaço, que Lévy (1999) explica ser o espaço de comunicação entre indivíduos que ocorre pela conexão entre redes e computadores. Segundo o autor, é um espaço aberto, fluido e navegável, que ainda não conhecemos em sua totalidade, mas que está cada vez mais presente e acessível à humanidade, permitindo infinitas possibilidades de interação social.

Constituindo o ciberespaço como uma possibilidade comunicacional, as redes sociais, na concepção de Teixeira e Azevedo (2011, p. 54), são “um conjunto de relações e intercâmbios entre entidades (indivíduos, grupos ou organizações) que partilham interesses, geralmente através de plataformas disponíveis na Internet”. Por meio dessas plataformas digitais, os sujeitos se conectam uns aos outros, e compartilham uma infinidade de informações, pessoais e/ou profissionais, que ficam disponíveis aos usuários deste serviço. A acessibilidade das TICs e a interação social são, portanto, relevantes marcas da sociedade informacional contemporânea. Isso permite que um alto número de indivíduos tenha facilidade em usar e consumir as redes sociais, e realizar suas interações diariamente.

2. *A resignificação da narrativa tradicional*

Walter Benjamin, em seu clássico texto “O Narrador” (1994), discorre sobre a arte de narrar e a relação narrador-ouvinte, e sobre a valorização da narrativa como uma forte possibilidade de transmissão do conhecimento, de pessoa a pessoa. Segundo este autor, o nascimento da narrativa oral ocorre a partir das trocas de experiências, e ele usa esta demarcação para caracterizar dois tipos de narradores: o comerciante marinho, viajante de terras longínquas, e o camponês sedentário, que vive localmente e conhece muito bem o seu meio. Ambos passam por vivências das quais podem ser retiradas experiências valiosas que merecem ou precisam ser repassadas adiante – eles têm histórias a contar! Para Benjamin, há um propósito na reconstrução dos caminhos trilhados nas histórias de vida a partir das narrativas, pois

[...] a narrativa tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida – de qualquer maneira o narrador é um homem que sabe dar conselhos. (BENJAMIN, 1994, p. 200)

Conforme Miranda (2012), entender o narrador como um conselheiro significa considerar a existência de uma relação formativa entre ele e seu ouvinte, pois, ao relatar as suas histórias, o narrador permite que as experiências narradas se transformem nas experiências daquele que as ouve. Isso porque “a relação ingênua entre ouvinte e narrador é dominada pelo interesse em conservar o que foi narrado” (BENJAMIN, 1994, p. 210), que se constitui no acervo de uma vida, materializado pelas experiências próprias ou alheias.

Por outro lado, Benjamin se preocupa com dois fatores que podem levar à extinção da narrativa: o romance (porque o romance prescinde da necessidade da tradição oral, e o leitor de romance é um leitor isolado, independente da relação com o narrador), e a informação, bem como a sua difusão, que são os pontos de interesse para esse ensaio. Diferenciando as duas, o autor diz que a informação é uma nova forma de comunicação que tem contribuído para o declínio ou raridade da narrativa, pois

[...] a informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele. Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver. (BENJAMIN, 1994, p. 204)

Benjamin diz que a informação faz o caminho contrário da tradição oral e, portanto, tem maior responsabilidade no “apagamento” da narrativa, porque o comerciante que viajava ou o camponês local tinha um saber verdadeiro acumulado, construído a partir das interações e vivências de uma vida, que era repassado com a finalidade de ensinar algo, em um momento que demandava atenção e tempo. E a informação se consolida na linha oposta da narrativa, pois se caracteriza pelo imediatismo, pelo fato de já chegar pronta ao ouvinte, e por ser valorizada no momento mesmo em que é produzida, para também ser consumida de forma imediata. Além disso, as grandes histórias, que outrora valiam à pena serem narradas, dão lugar a acontecimentos comuns ou mesmo banais do cotidiano, que passam a ser o *corpus* central dos relatos autobiográficos atuais. Esses relatos diários possuem, ainda, o diferencial de serem impulsionados pela web e pelas redes sociais, e por isso, alcançam um grande número de pessoas, em um curto espaço de tempo.

Algumas considerações podem ser tecidas se pensarmos sobre o formato narrativo tradicional, a partir da concepção benjaminiana, e as narrativas atuais, decorrentes da nossa sociedade informatizada. Se nos apegarmos nas previsões de Benjamin para a narrativa, e problematizá-las a partir do contexto atual, talvez não a tomaremos a partir de um possível “falecimento” ou declínio, mas sim de uma modificação substancial na estrutura dessa narrativa benjaminiana, que nos permite falar que estamos mesmo diante do surgimento de novas formas de narrar – peculiares, e literalmente conectadas à atualidade.

Ainda segundo o ensaísta alemão, o ato de narrar é marcado por uma relação de empatia entre narrador e ouvinte, pois a história narrada se incorpora às experiências de quem a ouve, e com isso, quem escuta a experiência daquele que conta pode se imaginar em seu lugar e extrair elementos importantes para sua vida particular. Para Souza (2008), a posição de ouvinte ou leitor pode implicar um trabalho interior de comparação da sua história com a narração ouvida ou lida, momento em que há o confronto da sua subjetividade com a subjetividade do narrador. Como percebemos a manifestação desta característica na contemporaneidade? A era da informação traz em seu bojo uma mudança radical de perspectiva, em que o que se vê materializado pelas lentes das redes sociais é a constante exibição da vida privada – a intimidade é revelada, detalhada publicamente e intencionalmente pelo próprio autor da história. Essa vida exposta em suas particularidades assume muito mais que um exemplo a ser seguido: passa a ser uma vida desejada. Deseja-se viver o

que o outro vive, ter aquilo que o outro tem, ser tão admirável quanto o outro, e alcançar tantas “curtidas” quanto possível. Não se trata mais de ser empático à experiência alheia, mas de ser instigado a cobiçar esta experiência perfeita transmitida pelas telas virtuais.

Souza ainda elucida que as situações, experiências e acontecimentos que compõem as histórias de vida adquirem relevância quando são reunidas em narrativas orais ou escritas que partilham modos de dizer de si. Por possibilitarem um movimento de reflexão sobre si e sobre os seus percursos, as narrativas autobiográficas também se configuram como um instrumento de investigação e de formação, que permite alcançar o conhecimento de si (SOUZA, 2006). Ou seja, pela narrativa, o sujeito tem a capacidade de manifestar a sua singularidade, os seus saberes e experiências, e produzir, por meio deste exercício reflexivo, um conhecimento sobre si próprio, sobre o seu cotidiano e sobre os outros. Para o autor:

A escrita da narrativa remete o sujeito a uma dimensão de auto-escuta, como se estivesse contando para si próprio suas experiências e as aprendizagens que construiu ao longo da vida, através do *conhecimento de si*. É com base nessa perspectiva que a abordagem biográfica instaura-se como um movimento de investigação-formação, ao focar o processo de conhecimento e de formação que se vincula ao exercício de tomada de consciência, por parte do sujeito, das itinerâncias e aprendizagens ao longo da vida, as quais são expressas através da metarreflexão do ato de narrar-se, dizer-se de si para si mesmo como uma evocação dos conhecimentos construídos nas suas experiências formadoras. (SOUZA, 2006, p. 14) (grifo do autor)

Mas em tempos digitais, o narrador também se modificou: não é mais aquele reflexivo que contava suas íntimas experiências somente após examinar e pensar sobre o que se passou. Quem narra, hoje, o faz obedecendo às características da sociedade informacional, que valoriza o que é instantâneo e ocorre em tempo real. Isso exige dos narradores da atualidade que publiquem fatos novos constantemente, e que contem sobre todo e qualquer instante da sua vida privada, pois o imediatismo, hoje, está imbricado no ato de contar sobre si nas redes sociais. Disso, decorre o esgotamento da experiência, o qual Sibilia (2008) relaciona com a perda das possibilidades reflexivas sobre o mundo, e consequentemente, à menor capacidade de transformar uma vivência em experiência.

Bauman (2001) evidencia a valorização na sociedade atual daquilo que é breve, novo e momentâneo ao analisar a passagem de uma modernidade sólida – onde os papéis sociais eram mais estáveis, onde os projetos a longo prazo apresentavam consistência, onde o contexto per-

mitia e valorizava identidades fixas – para uma modernidade líquida – onde impera a fluidez, onde os pilares sociais são frágeis, e onde não há garantias de estabilidade ou enraizamento.

O autor usa o termo *conexão* para se referir à fragilidade das relações pessoais na sociedade líquida: as pessoas se conectam e se desconectam umas às outras com a mesma facilidade que compram ou devolvem um produto que não gostaram. Tornou-se possível desconectar-se sem maiores prejuízos, posto que sempre haverá outras possibilidades de conexões igualmente ou mais desconectáveis.

Desta forma, porque fortalecer vínculos que irão nos demandar energia, investimento e, nalgum grau, renúncia? Se por um lado relações frágeis e momentâneas produzem o esgotamento da experiência, por outro instigam um número de conexões cada vez maiores, o que, por sua vez, fragiliza ainda mais as relações, demandando cada vez mais conexões.

Com isso, a própria narrativa, outrora intimista e rica em experiências, agora, atualizada nesta era digital, além de curta, é superficial, efêmera, e promove a espetacularização da vida privada (SIBILIA, 2008). Valoriza-se nas redes sociais aquilo que é breve, novo e momentâneo, e as narrativas provenientes destas redes assumem muito bem esta função: a de narrar tudo, inclusive o irrelevante, materializado pelas cenas costumeiras do cotidiano.

Nesse sentido, as redes não se configuram como um espaço descolado da sociedade, um ambiente à parte onde os indivíduos atuam sob um *modus operandi* diverso daquele atuado na chamada “vida real”. A rede é a própria sociedade. Dialogicamente, reflete-a ao mesmo tempo em que a molda.

As redes sociais desta era digital evidenciam, ainda, um formato narrativo autobiográfico que implica uma mudança no trato com a subjetividade, pois destacam um “eu” que parece carecer de uma aprovação externa para, de fato, existir. É um “eu” que, por estar em constante exibição pública, se narra e se manifesta em função do olhar do outro. Pode-se mesmo dizer de uma relação narcisística – o sujeito valida o seu “eu” quando se lança ao olhar alheio, para que seja admirado e aprovado. Tem-se, portanto, não mais um puro olhar para si, mas um olhar para si que passa, primeiramente, pelo filtro do outro, que tem a autoridade para dizer a esse sujeito o quão importante e admirável ele é. É a validação externa do “eu”.

Assim, há um movimento de mudança no processo de interiorização da subjetividade, pois o “eu” que se expressava em outras épocas por uma escrita intimista, preservada, em contato com a sua singularidade, e que poderia, por isso, alcançar o conhecimento de si, agora adquire outras formas de manifestação, em uma narrativa que é, sobretudo, visual e pública. O objetivo é de alcançar admiração, por um “eu” que fala pelo e para o outro, e que existe somente pela constante interação social e transformação da sua intimidade em algo público.

Portanto, estas mudanças, facilmente observáveis por meio das contas virtuais, não parecem indicar a extinção da narrativa, conforme preocupou-se Walter Benjamin, mas antes, novas formas do “eu” se expressar e contar suas histórias. Os tempos são outros, a era é digital, e o ato de narrar parece se ajustar facilmente a esse novo formato.

3. Ser artista da própria vida: a exposição do “eu” no mundo virtual

É fato que as redes sociais imprimiram uma mudança radical nas narrativas. A vida íntima, pequena e privada, que se torna alvo de grande interesse dos usuários das redes sociais, precisa de um novo formato narrativo que consiga atender à necessidade (ou seria desejo?) da exposição pública. Mas o que se observa é que essa mudança estrutural não somente vai atingir os narradores atuais, autores das histórias virtuais, mas despertará, também, os ouvintes, para assumirem uma posição diferenciada na sua relação com o material audiovisual. O sujeito que antes estava em uma perspectiva de ouvinte ou leitor, somente presenciando a exibição da vida alheia, passa a ter a possibilidade de também produzir e divulgar seus conteúdos, e com isso, revelar a sua intimidade. As redes sociais digitais, e nelas os novos relatos autobiográficos, possibilitam que todos saiam do anonimato e deixem de ser espectadores invisíveis, para serem autores ou coautores dos conteúdos digitais, assumindo uma posição de artista virtual.

A revelação desses novos artistas da própria vida também desvela uma segunda possibilidade: a de que esses sujeitos, ao protagonizarem publicamente suas histórias, transformem o seu cotidiano real em uma representação ideal de vida e de momentos vividos. Ou seja, transpareçam como legítimo o que na verdade é inventado. Sibília fala sobre isso quando afirma:

Uma consideração habitual, quando se examinam esses estranhos costumes novos, é que os sujeitos envolvidos “mentem” ao narrar suas vidas na

web. Aproveitando vantagens como a possibilidade do anonimato e a facilidade de recursos que oferecem as novas modalidades de mídia interativas, os habitantes desses espaços montariam espetáculos de si mesmos para exibir uma intimidade inventada. Seus testemunhos seriam, a rigor, falsos ou hipócritas: não autênticos. (SIBILIA, 2008, p. 30)

A exposição de uma vida perfeita pode, na realidade, traduzir-se na ficcionalização do real, quando os fatos expostos são (...) enganosas autoficções, meras mentiras que se fazem passar por pretensas realidades (...). A autora acrescenta que cabe realizar o questionamento sobre se os relatos exibidos são documentos verídicos que representam vidas reais, ou se são a expressão de uma figura e de um contexto fictícios.

Este sujeito que se torna o protagonista público de sua história nas redes sociais tem a consciência de que sua vida e intimidade poderão ser conhecidas por milhares de pessoas, a partir da livre exposição das suas fotografias e das suas próprias narrativas. Se pensarmos no interesse ou na necessidade que ele tem de afetar outros sujeitos a partir dos seus relatos autobiográficos, ficcionar a sua própria história parece ser mais uma estratégia para obter dos seus ouvintes/leitores a fidelidade e aprovação social.

Importa destacar que a narrativa das redes sociais, ficcionada ou não, é, muitas vezes, uma produção colaborativa – ela é o resultado da sua interação com o leitor que a acompanha em um diário pessoal, em tempo real, e com a influência que o olhar deste leitor exerce sobre o sujeito que narra. Esses internautas podem ser considerados, ao mesmo tempo, como autores e leitores dos relatos autobiográficos, pois transitam de espectador a protagonista nas redes sociais, conforme julgarem conveniente.

Ainda que sejam ficcionalizadas, encontramos, em uma mesma pessoa desses relatos, a figura do autor, narrador e personagem da história, e essas considerações sugerem a ocorrência, nas narrativas atuais, do pacto autobiográfico conforme posto por Phillippe Lejeune (*Apud* SIBILIA, 2008, p. 50), pois “os sujeitos desses novos relatos publicados na internet se definem como alguém que é; alguém que vive (e alguém que narra) a própria vida, como um verdadeiro personagem”.

Nos perfis públicos das redes sociais, são inúmeros os exemplos de pessoas comuns, desconhecidas, que adquirem uma posição de prestígio em função da sua constante exposição virtual. Na rede social *Instagram*, por exemplo, o anônimo consegue narrar seu cotidiano por meio de fotos ou vídeos de curta duração e, à medida que interage com seu

público de “seguidores”, consegue ditar regras de vida, influenciar comportamentos, e deixar claro qual o ideal de vida que vale a pena ser vivida.

A partir do perfil público de uma blogueira capixaba no *Instagram*, escolhido aleatoriamente, é possível perceber como os relatos autobiográficos atuam nas novas formas do “eu” se manifestar nas redes sociais. A influencer Aline Passamani (@allinepassamani), ex-dentista e atualmente empresária e modelo, publica diariamente suas íntimas experiências de vida em uma sequência de narrativas virtuais, acompanhadas de fotos e vídeos, que de forma geral expõem três categorias principais de assuntos: família, momentos de hobby ou lazer, e projetos pessoais.

As narrativas que envolvem a família compõem a maior parte das postagens, estando diariamente presentes no perfil, e por vezes também aparecem de forma indireta nas narrativas das outras categorias. De imagens que tratam da rotina com os filhos e marido, a vídeos de culinária e cuidados com o lar, o perfil conta as cenas do cotidiano que são comuns a muitas outras famílias, mas se encontram ressignificadas por uma função utilitária – os relatos tendem a se instituir como promoção de conhecimento, para ensinar algo que possa ser útil à vida de quem ouve as histórias. É comum encontrar relatos que ensinem sobre receitas variadas, especialmente em datas comemorativas; organização do lar, como mesa posta, dicas de utensílios de cozinha e peças de decoração para casa; e sobre a rotina de momentos felizes vividos com os filhos e o marido.

Em uma de suas postagens, um vídeo exhibe a mesa preparada para o jantar, e são detalhadas as peças escolhidas, a combinação de cores e a decoração. Na legenda, a inscrição “Love Fridays” dá o indicativo ao ouvinte/leitor de qual é um momento propício em que se deve parar obrigações para relaxar e apreciar a vida em família. Em outra postagem, uma fotografia da blogueira e seu marido apresenta a seguinte legenda: “(...) Namore com alguém que lute por você todos os dias e literalmente faz a sua vida acontecer em todos os sentidos!” (PASSAMANI, 2021). Esses dois exemplos parecem evidenciar situações das quais o ouvinte pode retirar ensinamentos práticos a serem utilizados em sua vida, e indicam a dimensão da utilidade da narrativa, conforme anunciado por Walter Benjamin, ainda que ocorram estruturalmente de forma diversa da narrativa tradicional benjaminiana.

Sobre os relatos autobiográficos que tratam dos momentos de hobby ou lazer, uma postagem da blogueira realizando exercícios físicos diz:

Sabe qual é o melhor conselho que eu posso te dar? Seja tão focado em regar sua própria grama, que você não vai ter tempo para conferir se a grama do vizinho está mais verde. Porque a partir do momento que você começa a comparar seu processo com outras pessoas, isso poderá te desmotivar. Cada pessoa é única, e todos temos nosso tempo. Se apaixone pelo seu processo. (PASSAMANI, 2021).

Aqui parece ser a materialização daquilo que Benjamin traz quanto ao narrador ser “um homem que sabe dar conselhos” (BENJAMIN, 1994, p. 200), pois a publicação parece ter o objetivo de orientação de vida. A blogueira, que adquiriu experiências em seus percursos pessoais, agora, enquanto autora e narradora da sua história, tem a possibilidade não só de compartilhá-las, mas também de fazer com que sirvam de aconselhamento ao ouvinte. Pode-se supor, também, que se trata de uma narrativa que está imbricada em uma reflexão interior e em um trabalho com a sua subjetividade, pois o conselho que é narrado parece ser resultado de um processo de conhecimento interno.

Na categoria dos projetos pessoais, o perfil comumente realiza publicações sobre empreendimentos e investimentos, como o cotidiano da reforma de um apartamento e o lançamento de uma marca do ramo de vestuário. Além disso, há questões corriqueiras do dia a dia, como por exemplo, as peças de roupas ou joias escolhidas para uso diário. Uma determinada narrativa, relacionada à divulgação da sua loja, diz: “(...) Modelo, assistente de produção, diretora, estilista e produtora! Nas minhas várias versões, do jeito que eu gosto!” (PASSAMANI, 2021). Aqui, a narrativa publicamente traz um “eu” que se expressa, se define e se afirma em diferentes e importantes facetas.

Em outro *post*, a escolha das peças de roupa são o destaque: “Sabe aquele *look* básico, porém mega estiloso?? Hoje eu saí me sentindo assim!! Com a minha camisa @allma.brand toda em Cambraia de Linho” (PASSAMANI, 2021). Essas narrativas pessoais transparecem a forte influência que se exerce no público atingido por essa rede social, como se pode ver em um comentário deixado por uma seguidora, nesta postagem: “Comprei minha camisa de cambraia de linho (...), estou super ansiosa para ver a peça pessoalmente... Com certeza irei amar por que você tem muito bom gosto”. Novamente, vê-se na troca de experiência e nos ensinamentos de vida as possibilidades que podem ser extraídas

desses relatos autobiográficos, e desta rede de relacionamentos que se estabelecem entre narrador e ouvinte.

A análise do perfil em questão permitiu verificar o já explicitado por Sibília: o advento da rede social possibilita tirar o sujeito do anonimato e elevá-lo a um patamar de influenciador social, que é conhecido, querido e desejado em suas formas de ser, e pelas práticas de vida que dissemina, ainda que muitas dessas práticas sejam corriqueiras e comuns a muitas outras pessoas. Os relatos revelam a figura do autor, narrador e personagem na mesma pessoa, e indicam que são autobiográficos, modificados pela perspectiva de serem oriundos da era informatizada.

Os relatos analisados também exibem a intimidade de forma intencional, e com tamanha intensidade, que sugerem, a partir de Sibília, a espetacularização da vida privada. Frequentemente, os influenciadores digitais justificam essa abertura da privacidade para o coletivo pelo argumento da fidelidade ao seu público, no sentido de transparecer o seu “eu” tal qual ele realmente é, sem esconder das lentes das câmeras tudo o que se passa no seu íntimo. No entanto, a ausência de relatos narrativos relacionados a momentos de frustração ou tristeza, comuns à toda vida humana em algum momento, leva a questionar se não se trata de uma ficcionalização da realidade, ou uma intimidade nem tão transparente assim, dada a possibilidade de se selecionar o que contar, e o que preservar.

E mesmo quando estão presentes relatos narrativos relacionados a momentos de frustração e tristeza, estes também devem ser criticamente analisados, tendo em vista que, tal qual os relatos de plenitude, passam pelo processo de seleção, edição e exacerbação. Esse comportamento é especialmente observável em postagens de perfis de comédia (IF obscuro, Irmã Zuleide, Ajudar o povo de humanas a fazer miçanga, Doutorado da Depressão, etc.) onde, nos comentários, parece haver uma competição de quem já sofreu mais por amor, quem já foi mais enganado, quem mais foi reprovado no ENEM, quem mais toma medicamento para ansiedade causada pelos estudos, quem tem o pior signo, etc.

Cabe ao usuário das redes sociais, ouvinte/leitor, e também colaborador dos relatos autobiográficos atuais, enxergar por detrás do que se apresenta de forma imediata, para retirar deles o que realmente pode ser útil à sua história.

4. Para concluir

Os tempos contemporâneos impõem adaptações nas mais diversas faces da vida, e não seria diferente na esfera da comunicação. O “eu” atual, para se expressar adequadamente na era digital, precisou se modificar: encontrou caminhos que o conduziram a adaptações tão intensas que hoje não tratamos somente do “eu” privado, íntimo e solitário, mas também daquele que é público, que se expõe e se ressignifica nas narrativas colaborativas presentes nas redes sociais. Diante de tantas questões, talvez a principal implicação decorra da seguinte problemática: como o “eu” se manifesta nos relatos autobiográficos atuais, e diante de tantos olhares de aprovação (ou desaprovação)?

Com apoio em Sibilia temos que, hoje em dia, o indivíduo parece demonstrar que só é possível gozar com plenitude de uma boa experiência, de uma felicidade, se ela puder ser conhecida e admirada pelos outros. Novamente, aparece o movimento de mudança: do olhar de dentro, para o olhar a partir do outro. A consequência disso é a diminuição da espontaneidade – as ações e publicações do indivíduo passam a ser planejadas, e ter um objetivo: serem validadas pelo outro.

Resta ainda refletir: são os novos narradores, novos criadores de personagens? Onde está o limite entre o que é real e o que é ficção? A possibilidade de transparecer uma vida sempre plena, por meio da exposição de uma intimidade que é fictícia, inventada e selecionada intencionalmente, parece ser uma constante cada vez mais forte nos relatos narrativos atuais das redes sociais, o que exige do ouvinte a destreza e a astúcia de questionar o que se vê e se ouve, para extrair as experiências que de fato, possam ser úteis à sua existência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Trad. de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. 255p.

BENJAMIN, W. *Magia e Técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

LEVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

MIRANDA, D. G. J. *Experiências da formação inicial em Educação Física: narrativas de imagens*. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Espírito Santo, 2012.

PASSAMANI, A. *Instagram*. Disponível em https://instagram.com/allinepassamani?utm_medium=copy_link. Acesso em: 19 de junho de 2021.

SOUZA, E. C. *O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores*. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador-BA: UNEB, 2006.

_____. (Auto)biografia, identidades e alteridade: modos de narração, escritas de si e práticas de formação na pós-graduação. *Revista Fórum Identidades*, ano 2, v. 4, p. 37-50, jul-dez, 2008.

SIBILIA, P. *O show do eu – a intimidade como espetáculo*. Rio De Janeiro: Nova Fronteira. 2008.

_____. *O homem pós-orgânico: a alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Contraponto. 2015.

TEIXEIRA, A. D.; AZEVEDO, I. Análise de opiniões expressas nas redes sociais. *Revista Ibérica de Sistemas e Tecnologias de Informação*. 2011.